

# NARRATIVA MÍTICA DO SUJEITO PANTANEIRO: UMA LEITURA SEMIÓTICA

MYTHICAL NARRATIVE OF PANTANEIRO SUBJECT: READING SEMIOTICS

Maria Luceli Faria BATISTOTE

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
UFMS/Campus de Campo Grande

[marialucelifaria@gmail.com](mailto:marialucelifaria@gmail.com)

Ana Livia Tavares da SILVA

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
UFMS/Campus de Campo Grande

[analivia-tavares@hotmail.com](mailto:analivia-tavares@hotmail.com)

**RESUMO.** O Pantanal, região bastante antiga no estado do Mato Grosso do Sul, situado em Corumbá, município que ocupa um território de 64.968,84 km<sup>2</sup>, limita-se a oeste com a Bolívia e ao norte com o Estado de Mato Grosso. É nesse lugar que possui como presença constante os pantaneiros que surgiram episódios, contos, causos e personagens, em diferentes momentos da história, embalados pelo movimento do rio Paraguai e pelas sombras desse bioma que povoaram e povoam, ainda hoje, o imaginário popular. Esse imaginário transformou essa região em cenário de grandes fatos míticos. Como o Pantanal possui várias sub-regiões, optamos somente por uma delas, Nhecolândia. Isso se deve ao fato de essa localidade haver se tornado espaço para um campo fértil de crenças, superstições, fatos sobrenaturais no imaginário popular. Os animais, nesse espaço, também adquirem importante papel nas narrativas orais e, figuras míticas povoam o imaginário popular, de vários grupos e indivíduos. Nesse contexto, é possível afirmar que as narrativas míticas, ainda, estão bastante presentes na cultura e na criação da identidade do sujeito pantaneiro. Assim, nossa pesquisa investiga o suporte ideológico que dá sustentação às práticas discursivas inscritas historicamente no discurso mítico, além de descrever e explicar a relação entre mitologia e a realidade desse povo. Com base nos pressupostos teóricos da semiótica discursiva francesa e em seus seguidores, tais como Fiorin (2006) e Barros (2005), recorremos aos conceitos de tematização e figurativização, para analisar a narrativa “O causo do peão que duvidava do Pai-da-mata” que compõe nosso *corpus*. Observamos a criação de um universo mítico, onde o real e o imaginário entrelaçam-se formando uma rede de relatos característicos do espaço em que vivem.

**PALAVRAS-CHAVE.** Narrativa mítica. Semiótica. Homem pantaneiro.

**ABSTRACT.** The Pantanal region quite old in the state of Mato Grosso do Sul, located in Corumbá municipality occupies an area of 64968.84 km<sup>2</sup>, is limited to the west by Bolivia and the north by the state of Mato Grosso. It is in this place that has constant presence the Pantaneiros, which emerged episodes, tales, stories and characters, at different times in history, lulled by the motion of the Paraguay River and the shadows of this biome that populated and populate, even today, the popular imagination. This imagery has transformed this region into a large mythical facts scenario. As the Pantanal has multiple sub-regions, we chose only one of them, Nhecolândia. This is due to the fact that locality have become fertile ground for a space of beliefs, superstitions, supernatural events in the popular imagination. The animals, in this space, also acquire important role in oral narratives and mythic figures populate the popular imagination, several groups and individuals. In this context, it can be said that the mythical narratives are also very present in the culture and identity in the creation of the pantaneiro subject. Thus, our research investigates the ideological support that sustains the discursive practices

historically inscribed in mythic discourse, and to describe and explain the relationship between mythology and reality of these people. Based on the theoretical assumptions of the French discursive semiotics and his followers, such as Fiorin (2006) and Barros (2005), we used the concept of themes and figures to analyze the narrative "The story of pawn who doubted of father of the forest "that makes up our corpus. Observe the creation of a mythical universe where the real and the imaginary intertwine forming a network of characteristic stories of their living space.

**KEYWORDS.** Mythical narrative. Semiotics. Pantaneiro subject.

## ***Introdução***

O Pantanal, região bastante antiga no estado do Mato Grosso do Sul, situado em Corumbá, município que ocupa um território de 64.968,84 km<sup>2</sup>, limita-se a oeste com a Bolívia e ao norte com o Estado de Mato Grosso. É nesse lugar que possui como presença constante os pantaneiros que surgiram episódios, contos, causos e personagens, em diferentes momentos da história, embalados pelo movimento do rio Paraguai e pelas sombras desse bioma que povoaram e povoam, ainda hoje, o imaginário popular. Esse imaginário transformou essa região em cenário de grandes fatos míticos. Como o Pantanal possui várias sub-regiões, optamos somente por uma delas, Nhecolândia. Isso se deve ao fato de essa localidade haver ser tornado espaço para um campo fértil de crenças, superstições, fatos sobrenaturais no imaginário popular. Os animais, nesse espaço, também adquirem importante papel nas narrativas orais, e figuras míticas povoam o imaginário popular de vários grupos e indivíduos. As narrativas pantaneiras retratam a linguagem do sujeito sul-mato-grossense de uma determinada região, apresentando uma reflexão a propósito do papel que exerce o mito, e as funções que ocupa.

Considerando a linguagem como criadora da imagem do mundo, podemos também percebê-la como criação desse mundo. Assim, apresenta-se, também, como um produto social e histórico. Desse modo, o discurso mítico reflete as relações sociais do sujeito pantaneiro com o mundo ao qual pertence.

Nossa pesquisa pretende investigar o suporte ideológico que dá sustentação às práticas discursivas, inscritas historicamente no discurso mítico, além de descrever e explicar a relação entre mitologia e a realidade desse povo. Com base nos pressupostos teóricos da semiótica discursiva francesa e em seus seguidores, tais como Fiorin (1991) e Barros (2005), recorreremos aos conceitos de tematização e figurativização, para analisar a narrativa *O caso do peão que duvidava do Pai-da-mata* (anexo 1) que compõe nosso *corpus*.

## DA ANÁLISE

A Semiótica discursiva francesa tem o texto como seu objeto e procura explicar o modo por meio do qual o sentido se constitui, isto é, o que o texto diz, analisando os mecanismos e procedimentos que constrói esse sentido avaliando o plano de conteúdo, concebido sob a forma de percurso gerativo. A respeito do percurso gerativo observamos as explicações dadas por dois grandes especialistas da área:

O percurso gerativo de sentido é uma sucessão de patamares, cada um dos quais suscetíveis de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo. [...] Os três níveis do percurso são o profundo (ou fundamental), o narrativo e o descritivo (FIORIN, 2006, p. 20).

Esses mecanismos e procedimentos são de dois tipos: a organização lingüística e discursiva do texto e as relações com a sociedade e a história. Em outras palavras, o texto se organiza e produz sentidos, com o objetivo de significação, e também se constrói na relação com os demais objetos culturais, pois está inserido em uma sociedade, em um dado momento histórico e é determinado por formações ideológicas específicas, como um objeto de comunicação (BARROS, *in* FIORIN 2004, p 188).

Podemos compreender que a semiótica explica o sentido do texto por meio de três patamares distintos, com os quais examina os mecanismos e procedimentos de seu plano de conteúdo sob a forma de percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto.

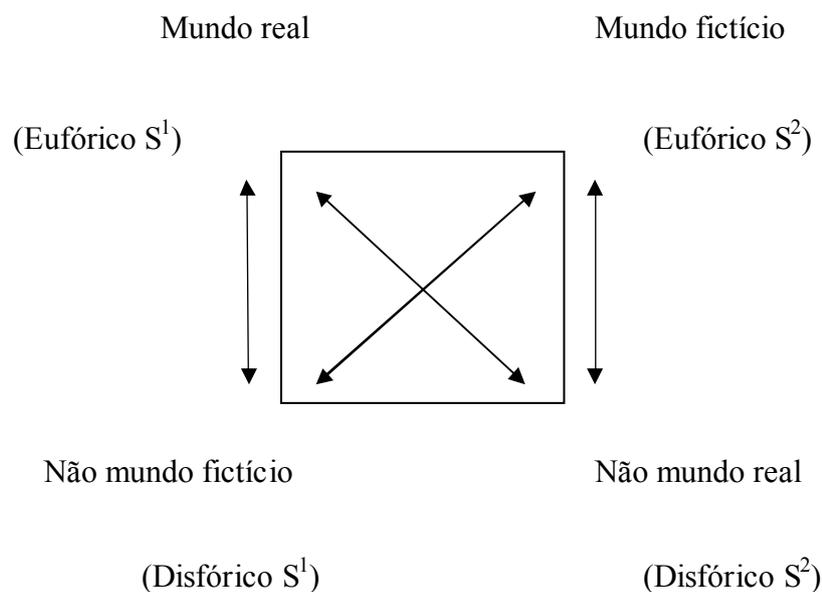
A análise considerou os três níveis do percurso gerativo de sentido. A primeira etapa é o nível fundamental, que abriga as categorias semânticas da base da construção de um texto. Essa categoria semântica fundamenta-se numa diferença, numa oposição. Esses termos opostos mantêm entre si uma relação de contrariedade, conforme menciona Fiorin (2006, p.23):

Cada um dos elementos da categoria semântica de base de um texto recebe a qualificação semântica /euforia/ *versus*/ disforia/. O termo ao qual foi aplicada a marca /euforia/ é considerado um valor positivo; aquele a que foi dada a qualificação / disforia/ é visto como um valor negativo. [...] Euforia e disforia não são valores determinados pelo sistema oxiológico do leitor, mas estão inscritos no texto. (FIORIN, 2006. p. 23)

Depreendemos na narrativa analisada as categorias REALIDADE /*versus*/ FICÇÃO, conforme podemos observar no recorte:

- [...] - Oh, pára,pára! Ocêis iscutaro esse grito? - Ai o, o patrão falô: (sujeito<sup>1</sup> eufórico com o objeto valor realidade)
- Fica quéto Oscar! Fica quéto!- Falei: (sujeito<sup>2</sup> disfórico com o objeto valor realidade)
- Porque que eu vô ficá quéto? Tá gritano aí. É gente perdido. – Ele falô: (sujeito<sup>1</sup> eufórico com o objeto valor realidade)
- Que gente perdido o que, rapais! Isso aí é o Pai-do-mato. – E eu tamém sô um poço gozador, falei: (sujeito<sup>2</sup> negação do mundo real e afirmação do mundo fictício/mito)
- É, Seu Bianor, onde o senhor já viu mato tê pai? Mato num tem pai não. – Ele falô: (Sujeito<sup>1</sup> negação do mundo fictício/mito e afirmação da realidade)
- Rapais, fica quéto. Esse troço não é deste mundo. – Eu falei: (relação de contrariedade entre os sujeitos/ afirmação do mito)
- De que mundo que é? - Ele falô: (negação do mito)
- É de otro mundo. – Eu falei: (afirmação do mito)
- E aonde que tem outro mundo? Eu num acredito nessas coisa não.”(negação do mito)

Para uma melhor compreensão, apresentamos o quadrado semiótico:



Os sentidos do texto são entendidos como uma categoria ou oposição semântica, determinada pelas relações sensoriais do ser vivo. Na narrativa, o mundo real é considerado atraente, ou seja, eufóricos e o fictício apresenta-se como repulsivo, portanto, disfórico.

A semiótica desenvolveu seu modelo de organização narrativa, em que cada percurso é constituído por unidades elementares mais simples e os enunciados narrativos são organizados hierarquicamente. Antes de adentrarmos na análise desse nível é necessário apontar que nem todos os textos são narrativos, cabe ressaltar que há uma distinção entre narratividade e narração. Fiorin (2006, p. 27) elucida que a narratividade é componente de todos os textos e a narração concerne a uma determinada classe de texto, é a transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Desse modo, ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final. A primeira é um componente da teoria do discurso e a segunda constitui a classe de discurso em que estados e transformações estão ligadas a personagens individualizados. Vejamos:

Os textos não são narrativas mínimas. Ao contrário, são narrativas complexas, em que uma série de enunciados de fazer e de ser (de estado) estão organizadas hierarquicamente. Uma narrativa complexa estrutura-se numa seqüência canônica, que compreende quatro fases: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. Na fase de manipulação, um sujeito

age sobre outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa.(FIORIN, 2006. p 29)

As narrativas mínimas são classificadas em duas espécies, as de *privação*, em que ocorre um estado inicial conjunto e um estado final disjunto e a *liquidação de uma privação*, ocorrendo o contrário. Um estado inicial disjunto e um estado final conjunto.

Feitas algumas considerações teóricas desse nível, prosseguimos com a análise. Na fase da manipulação, um sujeito age sobre o outro para levá-lo a querer e/ou dever fazer alguma coisa. Na narrativa analisada, Oscar ou S<sup>1</sup> é manipulado por Seu Bianor ou S<sup>2</sup> a querer crer na existência do Pai-da-mata, conforme fragmento recortado:

[...] - E aonde que tem outro mundo? Eu num acredito nessas coisa não. – Ele falô:  
- Porque que você é discrente das coisa? - Eu falei:  
- Aí é só Deus que pode me falá isso. Eu num sei porque eu sô discrente de certas coisas. Eu num acredito nisso.  
- Falei pra ele. Ele falô: E no que que ocê acridita?  
- No que que eu acredito? Eu acredito naquilo que eu vejo, não naquilo que eu num vejo. – Ele falô:  
- E você acredita em Deus?- Falei:  
- Acredito. – Ele falô:  
- E você já viu Deus arguma vez? - Falei:  
- Ao vivo não, né. Nem eu, nem ninguém nunca viu, nem vai vê, né. – Falei:  
- Ah, falá que o Pai-do-mato. Se é o Pai-do-mato, que que é que ele veio fazê aqui cum nós? Que que ele veio? Nós somo oito aqui. Se ele é, ele é, ele é um só. – Ele falô:  
- É, num adianta teimá cum você. Você é mais teimoso do que burro chucro.  
- Tá bom. –ele falô:  
- Vamo imbora – E tinha assim um coricho né. Falô:  
- Vamo travessá essa água porque se ele vié, ele num travessa a água. – Falei:  
- É. Que bobage sua. – Aí alassesmo o curicho, fomo imbora.

Nessa fase da narrativa, o manipulador Bianor manifesta um juízo positivo/eufórico, sobre a existência daquilo que não se vê, exemplificando pela existência de Deus, comparando-o com o Pai-da-mata. Manipula por intimidação seu interlocutor e ao mesmo tempo provoca o juízo de valor do peão Oscar deque, se ele crê em Deus (objeto de valor eufórico, não pertencente ao mundo real), também deveria crer no Pai-da-mata (objeto de valor disfórico para o peão), uma vez que ambos são seres não visíveis ao mundo natural, mas existentes e conhecidos em outra dimensão.

Os dois sujeitos estão em conjunção com a verdade, porém o sujeito1 está em conjunção com a verdade no plano do real e o sujeito2 está em conjunção com a verdade do mundo fictício. Percebe-se a pretensão de S1 em fazer com que o outro acredite no objeto do plano fictício, ocasionando uma dimensão polêmica. Assim a conjunção para um sujeito implica da disjunção para o outro.

Quando lemos um texto, encontramos o componente da figuratividade. Segundo Bertrand (2003, p. 154-5):

[...] A figuratividade rege em boa medida muitas outras formas e gêneros discursivos: a narrativa mítica, o conto popular, o provérbio, o texto religioso, o discurso jornalístico, o publicitário, os episódios da troca cotidiana etc. Ela permite opô-los num grande bloco aos chamados discursos abstratos: discurso teórico, científico, filosófico etc.

O autor apresenta várias definições e a terceira vem ao encontro do nosso objeto de pesquisa. Vejamos:

A figuratividade se define como todo conteúdo de um sistema de representação, verbal, visual, auditivo ou misto, que entra em correlação com uma figura significativa do mundo percebido, quando ocorre sua assunção pelo discurso. As formas de adequação lábeis e culturalmente moldadas pelo uso entre essa duas semióticas - a do mundo natural e a das manifestações discursivas das linguagens naturais - constituem o objeto da semiótica figurativa (BERTRAND, 2003, p. 157).

Nesse contexto, nosso objeto de análise se enquadra como objeto de manifestação discursiva das linguagens naturais, uma vez que reflete o discurso de dois mundos, o mítico da cultura do homem pantaneiro e real pertencente à realidade propriamente dita do mesmo grupo social.

No nível discursivo, a organização narrativa é temporalizada, espacializada e actorializada, ou seja, as ações e os estados narrativos são localizados e programados num tempo e num espaço, e os actantes (atores) narrativos são investidos pela categoria de pessoa.

Vejamos o recorte:

- Eu trabalhei aqui na bera do rio Cuiabá, quase na barra do rio Cuiabá c' o São Lorenço. Eu trabalhava c' um home, até nem num sei se ele já morreu, chamava Bianor Lopes, ele pegava gado baguar, assim serviço muito grande.

Nesse nível, há mudanças dos termos, onde se lia sujeito, lê-se ator ou atores. A análise volta-se para o componente interno do texto: o espaço onde ocorrem os fatos, o tempo em que ocorrem as ações e as figuras as quais representam o mundo natural no decorrer do discurso.

O nível discursivo é constituído por temas e por figuras; sendo que a tematização consiste em dotar uma sequência figurativa de significações, ou seja, o figurativo

precisa ser assumido por um tema que dá valor as figuras. Por exemplo, “O caso do peão que duvidava do Pai-da-mata” é um tema que abrange um discurso folclórico do homem pantaneiro. Tal narrativa recebe investimentos figurativos como o personagem mítico (Pai-da-mata) que representa a cultura ou a narrativa oral desse grupo social.

O discurso é construído com figuras que representam dois mundos, o homem no mundo real/concreto e o Pai-da-mata, o mítico. Nesse nível o discurso produz efeitos de sentidos de aproximação e distanciamento por meio da desembreagem que pode ser enunciativa, quando o efeito é de proximidade da enunciação pelo uso da primeira pessoa “eu”, do tempo presente “agora” e do espaço “aqui”.

Por exemplo:

[...] - Eu trabalhei aqui na bera do rio Cuiabá, quase na barra do rio Cuiabá c’ o São Lorenço.

Já, a desembreagem enunciativa produz o efeito de distanciamento da enunciação com o emprego da terceira pessoa “ele”, do tempo do “então” e do espaço do “lá”.

Vejam o recorte, a seguir:

[...] até nem num sei se ele já morreu, chamava Bianor Lopes, ele pegava gado baguar, assim serviço muito grande.

## **PARA UM EFEITO DE FIM**

Depreendemos, a partir das análises feitas, que as narrativas míticas, ainda, encontram-se bastante presentes na cultura e na construção da identidade do sujeito pantaneiro. Observamos a criação de um universo mítico, onde o real e o imaginário entrelaçam-se formando uma rede de relatos característicos do espaço em que vivem esses sujeitos. Assim, ratificamos que o homem aprende a ver o mundo pelos discursos assimilados e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala.

As análises permitiram perceber a relevância do contexto cultural, proporcionando uma reflexão sobre a prática da linguagem no envolvimento de vários saberes e conhecimentos tradicionais.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4.ed. São Paulo: Ática, 2005.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FERREIRA, Áurea Rita de Ávila Lima. **A teia do contar na Nhecolândia (MS):** intertextualidade e interdiscursividade em narrativas pantaneiras. Dissertação de Mestrado. Unesp/Faculdade de Letras:Araraquara, 1999.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. **Elementos da Análise do Discurso**. 14.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à linguística II: princípios de análise**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

## ANEXO 1

### O CAUSO DO PEÃO QUE DUVIDAVA DO PAI-DA-MATA

- Eu trabalhei aqui na bera do rio Cuiabá, quase na barra do rio Cuiabá c' o São Lorenço. Eu trabalhava c' um home, até nem num sei se ele já morreu, chamava Bianor Lopes, ele pegava gado baguar, assim serviço muito grande.

- Então nós trabalhava assim...tinha uma cota. Ele falava:

- Olha, nós tem que pegá hoje setenta reais pra nós vim imhora. Falô:

- Vamo pegá! - Nós era oito, né. Muitas veis nós num achava o gado durante o dia né.

- Intão, quando tinha lua, nós trabalhava à noite cum a lua, né, porque se num tive lua a gente num vai inxergá, né. Aí um dia nós...ele falô pra nós:

- Ah, vamo díscubri aqui essa região, nós nunca fomo aí.

- Tá bom. – Aí nós fomo.

- E aí nós fomo. Trabalhemo lá até uma certa hora da noite, aí ele falô:

- Vam borá? - Aí eu falei:

- Vam borá, ué. Vam borá. – Aí vinha vino. Só que era...era só morro, mato. Nós vinha vino um atrais do outro. Ele vinha na frente e tinha o capatais, vinha atrais dele, eu vinha mais atrais. Aí, iscutemo um grito. Ninguém falô nada, todo mundo fico quéto. Aí fomo ino mais um poço, aí mais-o-meno duzentos metro deu outro grito. Aí, eu so muito abiudo, né, falei:

- Oh, pára,pára! Ocêis iscutaro esse grito? - Aí o, o patrão falô:

- Fica quéto Oscar! Fica quéto!- Falei:

- Porque que eu vô ficá quéto? Tá gritano aí. É gente perdido. – Ele falô:

- Que gente perdido o que, rapais! Isso aí é o Pai-do-mato. – E eu tamém sô um poço gozador, falei:

- É, Seu Bianor, onde o senhor já viu mato tê pai? Mato num tem pai não. – Ele falô:

- Rapais, fica quéto. Esse troço não é deste mundo. – Eu falei:

- De que mundo que é? - Ele falô:

- É de otro mundo. – Eu falei:

- E aonde que tem outro mundo? Eu num acredito nessas coisa não. – Ele falô:

- Porque que você é discrente das coisa? - Eu falei:

- Aí é só Deus que pode me falá isso. Eu num sei porque eu sô discrente de certas coisas. Eu num acredito nisso.

- Falei pra ele. Ele falô: E no que que ocê acredita?

- No que que eu acredito? Eu acredito naquilo que eu vejo, não naquilo que eu num vejo. – Ele falô:

- E você acredita em Deus? - Falei:

- Acredito. – Ele falô:

- E você já viu Deus alguma vez? - Falei:

- Ao vivo não, né. Nem eu, nem ninguém nunca viu, nem vai vê, né. – Falei:

- Ah, falá que o Pai-do-mato. Se é o Pai-do-mato, que que é que ele veio fazê aqui cum nós? Que que ele veio? Nós somo oito aqui. Se ele é, ele é, ele é um só. – Ele falô:

- É, num adianta teimá cum você. Você é mais teimoso do que burro chucro.

- Tá bom. –ele falô:

- Vamo imbora – E tinha assim um coricho né. Falô:
  - Vamo travessá essa água porque se ele vié, ele num travessa a água. – Falei:
  - É. Que bobage sua. – Aí agradessemos o curicho, fomo imbora. E ele tinha mulher, né. Ficô lá no acampamento. Só ele que tinha mulher. Os outro, nós, nenhum tinha mulher. Era tudo sortero. – Aí ele falô:
  - Olha, vocês num vão contá nada pra Francisca, disso. Porque ela fica sozinha lá, ela pode ficá cum medo.
  - Não. Num vamo contá não.
- Eu falei:
- Mais eu num vô acriditá no Pai-do-mato. Num vi nada, né. Num acridito nisso. Num acridito memo. Num posso intendê porque minha natureza é assim.
- (In FERREIRA,1999:77).